



“País não pode esperar por 2015”

Editado por José Bastos

Inserido em 06-10-2013 14:43

Manuel Braga da Cruz, Manuel Carvalho da Silva e Carlos Moreno debatem o estado do país em “Conversas Cruzadas”.

O resultado das eleições autárquicas, as últimas avaliações da “troika” ao programa de ajustamento financeiro português e o estado geral do país são tema de discussão no programa deste domingo de “Conversas Cruzadas”.

O antigo dirigente da CGTP e sociólogo Manuel Carvalho da Silva considera que “o país necessita de eleições antecipadas” mais cedo do que tarde. “É a primeira vez que o digo neste contexto, mas não tenho grande dúvida. Espero que o Presidente da República não tenha a mesma atitude de há algum tempo, de hesitação”, sustenta.

Confrontado com os riscos de eleições para a conclusão do programa de ajustamento e com o facto de as autárquicas não indiciarem uma maioria absoluta para o maior partido da oposição, Carvalho da Silva defende que as alternativas devem ser trabalhadas.

“Estou de acordo que pode parecer que ainda não há alternativa, mas as alternativas têm que surgir. A propósito, uma parte da mensagem de António Costa, naquilo que é citado que terá dito, é já indiciador deste quadro. Temos que trabalhar alternativas. Não haja dúvida quanto à questão”, defende este professor no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.

Opinião diferente tem o antigo reitor da Universidade Católica Braga da Cruz. “Devemos fazer tudo o que está ao nosso alcance para sair da tutela da ‘troika’. Isso é que é fundamental. E, de facto, eleições antecipadas não resolveriam nenhum problema dos graves problemas com que o país está confrontado”, sustenta.

“Pergunta-se: estaremos livres de um segundo resgate? Neste momento, obviamente, essa possibilidade existe. Haverá um segundo resgate se os portugueses não fizerem aquilo que devem. Depende de nós”, acrescenta o também sociólogo.

Mas Carvalho da Silva considera que o país não “pode esperar por 2015”. “Não vou dizer quais são os prazos. O que não é viável é continuar nesta podridão, porque a declaração, esta semana, do vice-primeiro ministro Paulo Portas é uma demonstração inequívoca – como outras – de uma governação baseada na manipulação. Isto não se sustenta”, argumenta.

Braga da Cruz alerta para o risco da crise orçamental. “Depende de nós termos ou não termos um segundo resgate. Pegando no assunto que suscitou o Dr. Carvalho da Silva, não nos iludamos: não há democracia sem equilíbrio das finanças públicas”, defende.

Braga da Cruz comenta Seguro: “País pede diálogo”

“Acho que o diálogo entre as forças políticas é imperioso. O país pede-o. Nestas eleições autárquicas houve suficientes manifestações de que os partidos devem estar mais abertos e atentos ao interesse da sociedade e aos seus pedidos”, afirma o ex-presidente da Associação Portuguesa de Ciência Política.

“Agora, as declarações do Dr. António José Seguro, há dias, deixaram-me muito preocupado, porque parecem revelar um eleitoralismo que não é compaginável com isto que estive a dizer”, acrescenta Manuel Braga da Cruz sobre a primeira entrevista do líder do PS depois da vitória autárquica, esta semana, à **Renascença**.

António José Seguro rejeitou conversações com a maioria. Carvalho da Silva sustenta não haver plataformas para o diálogo.

“Não existem bases de credibilidade. Isso não quer dizer que não haja sectores, mesmo dentro do Partido Socialista, que não continuem a pensar ser necessário dar aqui uma perninha para continuar um programa da ‘troika’ mais ou menos recauchutado. Isso também não é saída”, afirma.

O juiz Carlos Moreno responsabiliza em partes iguais Governo e oposição: “Neste país já espero tudo, mas é evidente que não sou maniqueísta ao ponto de avaliar a recusa de António José Seguro no diálogo com o Governo, sem lembrar que quatro dias antes o primeiro-ministro foi dizer à ‘troika’ que o Partido Socialista era o Bloco de Esquerda neste país. Portanto, assim, ninguém se pode entender.”

Carvalho da Silva fala em “pornografia política”

A intervenção de Paulo Portas no balanço da oitava e nova avaliações ao programa de ajustamento financeiro português é duramente criticada por Manuel Carvalho da Silva.

“Quando se fala em coisas positivas da ‘troika’, eu acho que a comunicação do vice-primeiro ministro Paulo Portas é mais um daqueles truques de mágico em que ele parece tornar-se especialista. Acho que começa a haver algumas intervenções de Paulo Portas – a expressão é forte – que se aproximam da pornografia política, porque é vender gato por lebre. Ou seja, apresentar aspectos pontuais que podem criar uma ilusão menos negativa, escondendo tudo o resto. Isto não é válido, não pode ser assim”, defende o antigo dirigente da CGTP.

“Tem que haver frontalidade”, reforça, lembrando que “nada aponta para a redução da brutal carga de impostos que tivemos em 2013 num Orçamento de Estado muito penalizador para 2014”.

Carlos Moreno também alerta para os perigos do discurso de Portas: “Ao fim de dois anos, é extremamente perigoso este exercício com os portugueses feito pelo vice-primeiro-ministro Paulo Portas que se revelou, realmente, um comunicador por excelência, o melhor deste Governo. Um exercício que para o português médio deixou a ideia de que tudo está a caminhar bem”, afirma o juiz jubilado do Tribunal de Contas.

Manuel Braga da Cruz retira da intervenção do vice-primeiro ministro a necessidade de reduzir a despesa: “Nós fomos objecto de uma brutal carga de impostos, portanto, não é pela via do agravamento fiscal que conseguiremos a redução do défice”.

“Não é pelo lado da receita, tem de ser pelo lado da despesa. Não há outro caminho. Qualquer

outra força política que estivesse no governo não andaria longe deste programa. O Partido Socialista se estivesse no governo não faria muito diferente do que está a fazer este governo”, conclui.

O programa "[Conversas Cruzadas](#)" passa na Renascença aos domingos, entre as 13h00 e as 14h00.